

Relato de Pesquisa em Programa Profissional

“A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”¹

Resumo

O presente trabalho visa analisar e refletir, a partir da experiência de um grupo focal formado por nove alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, a questão da intolerância religiosa dentro e fora da sala de aula. Avaliando excertos do caderno de campo utilizado na elaboração de um material pedagógico de História denominado “Religiosidades nos museus”, desenvolvido durante o mestrado profissional em Ensino de História, podemos refletir sobre as vivências, estranhamentos e dúvidas dos jovens brasileiros em relação às religiosidades no Brasil e de como tais experiências impactam o cotidiano escolar.

Carolina Barcellos Ferreira

Mestre em Ensino de História pelo programa – ProfHistória da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora de História da rede municipal do Rio de Janeiro.
Brasil
carolinahist@gmail.com

Palavras-chave: Educação Básica. Intolerância Religiosa. Grupo Focal.

Para citar este relato:

FERREIRA, Carolina Barcellos. Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 18, n.38, p. 196 - 207, set./dez. 2017.

DOI: 10.5965/1984724618382017196

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724618382017196>

¹ A presente pesquisa e o produto pedagógico resultante dela foram fruto de financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) dentro do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), voltado para professores da Educação Básica.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

The experience of a focus group in the development of a material to combat religious intolerance

Abstract

The present work aims to analyze and discuss, from the experience of a focal group formed by nine eighth-grade students, the issue of religious intolerance inside and outside the classroom. Evaluating the excerpts in the notebook used for the elaboration of a History pedagogical material denominated "Religiosities in the museums", developed during the professional masters in Teaching of History, we can expatiate on the experiences, estrangement and doubts of the Brazilian young people in relation to the religiosities in Brazil and how such experiences affect school everyday.

Keywords: Elementary School. Religious Intolerance. Focus Group.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

A maior parte dos professores da Educação Básica, especialmente os que atuam no ensino de História, Artes ou Língua Portuguesa, já se deparou com algum exemplo de intolerância religiosa em sala de aula, especialmente no tocante às religiões afro-brasileiras e, mais recentemente, ao Islamismo. É comum alunos se recusarem a fazer determinada tarefa ou pais visitarem a escola para informar que os filhos não vão fazer trabalho sobre “macumba”, no dizer pejorativo comum no Rio de Janeiro. Por vezes, a intolerância assume aspectos de violência não apenas simbólica ao silenciar alunos atuantes nestas religiões, mas também física, como o caso da aluna da rede municipal do Rio de Janeiro, Kaylane, de 11 anos, ferida com uma pedrada na saída de um culto religioso no bairro da Vila da Penha, em 2015.

Em reiteradas visitas a museus, nós, professores, nos deparamos com atos de intolerância religiosa praticada por alunos visitantes que se recusam a ler uma legenda de um objeto religioso de matriz africana, que perguntam se tal objeto “é coisa da macumba” ou até mesmo que se recusam a ficar em determinada sala expositiva por conta dos objetos religiosos que ela apresenta.

A despeito dos Projetos de Lei intitulados genericamente como “Escola sem partido”, em especial o que tramita na Câmara Federal como PL 867/2015, de autoria do deputado Izalci, do PSDB do Distrito Federal, que visa, entre outras ações, condicionar o ensino às crenças religiosas dos responsáveis pelos alunos (FRIGOTTO, 2017), acreditamos que é finalidade da Educação – em especial do ensino de História – discutir o papel histórico das crenças religiosas como espaços de sociabilidade e conflito, bem como avaliar, desnudar e combater o racismo e a intolerância religiosa presentes nas escolas de Ensino Básico.

Pensando nesta problemática envolvendo escola e intolerância religiosa, mas também o medo e o fascínio diante da materialidade dos objetos religiosos em museus históricos, optamos por construir, como produto final do Mestrado em Ensino de História (ProfHistória – UERJ), um material pedagógico que auxiliasse alunos e professores a compreenderem os sentidos históricos de alguns objetos religiosos expostos em três museus da cidade do Rio do Janeiro, a saber: o Museu Histórico Nacional (Exposição

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

Portugueses no mundo), o Museu Nacional (Exposição Kumbukumbu), o Museu da Maré (Tempo da Fé).

Inicialmente pensado como um museu militar, o Museu Histórico Nacional foi inaugurado pelo intelectual Gustavo Barroso, em 1922, como parte das comemorações pelo centenário da Independência. O objetivo de seu criador era organizar um museu que transmitisse às demais gerações as glórias e conquistas do Brasil desde seu período colonial. Apesar desta forma de colecionamento de objetos baseada em critérios elitistas, que privilegiam as camadas mais favorecidas da sociedade, o Museu Histórico Nacional atualmente tenta reformular seu entendimento do que seria o “nacional” e acomodar os vários grupos que fazem parte do Brasil. Na atual exposição, “Portugueses no Mundo”, inaugurada em 2010, o museu tenta dialogar com outra influência cultural recebida durante o período colonial, a de origem africana. Em seu último módulo são apresentadas obras de Mestre Valentim (identificadas como tal), joias típicas das africanas que viveram na Bahia, além de painéis que tematizam as contribuições dos africanos e seus descendentes para a cultura do brasileiro como, por exemplo, a capoeira e o jongo.

Já o Museu Nacional, inaugurado em 1808 e, desde 1892, abrigado no Palácio da Quinta da Boa Vista, no bairro de São Cristóvão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, surgiu em meio a um conjunto de medidas implementadas por D. João VI no contexto da transferência da Família Real Portuguesa para o Brasil, no início do século XIX. Da gênese do museu, nascido como um centro de antropologia, surgiu uma riquíssima coleção de objetos produzidos por africanos e seus descendentes no Brasil, entre eles alguns dos objetos que foram recolhidos pela polícia da cidade do Rio de Janeiro em finais do século XIX e início do século XX, no contexto de perseguição e proibição das chamadas “casas de dar fortuna” ou casas de candomblé e requisitados por Ladislau Netto durante a sua administração. Além disso, Heloísa Torres, Diretora do Museu Nacional entre os anos 1938 e 1955, formou uma coleção composta por objetos que comprou ou recebeu durante suas viagens à Bahia. Hoje, alguns desses objetos estão disponíveis para visita na exposição “Kumbukumbu – África, Memória e Patrimônio”, inaugurada em 2014, e compo a exposição permanente do Museu Nacional.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

O Museu da Maré, segundo Mário Chagas e Regina Abreu (2007), nasceu do desejo de alguns jovens universitários da Maré de tentar modificar a realidade da localidade a partir de ações que traziam uma possibilidade de ascensão social e reflexão sobre a história da comunidade. A partir de uma associação sem fins lucrativos, o CEASM – Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré –, foi inaugurado em 1998 um curso pré-vestibular em um espaço cedido por uma igreja do Morro do Timbau. Aos poucos, outros projetos foram se integrando, incluindo dança, moda e um núcleo sobre a história da comunidade – a Rede de Memórias da Maré.

A partir dos encontros promovidos pela Rede de Memória, dos objetos doados pelos moradores e da parceria com profissionais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foram montadas exposições em vários espaços públicos sobre a História da Maré, incluindo o Museu da República, em 2004. E em 2006, a partir da cessão, pela Companhia Libra de Navegação, de um amplo galpão localizado na Av. Guilherme Maxwel, foi idealizada e montada uma exposição permanente que pretendia refletir e debater a história da comunidade a partir do ponto de vista de seus moradores, para além do senso comum, o qual projeta na Maré apenas uma história de miséria e violência.

Meneses (1994), ao discutir as possibilidades de construção do conhecimento histórico em museus, aponta que os objetos inseridos nos museus históricos devem estar a serviço de um processo crítico, de análise e diálogo com o passado e com o presente, enfim, a serviço da história e não da memória. Os museus históricos deveriam assumir o papel de verdadeiros laboratórios da história, com os objetos servindo de matéria-prima para o desenvolvimento deste conhecimento científico. Dessa forma, os objetos expostos nos museus históricos deveriam ser transformados em documentos históricos, diante dos quais deveriam ser colocadas questões, como esclarece o autor:

Nessa ótica, o museu deveria servir-se também de objetos históricos, e de qualquer objeto que lhe possa permitir formular e encaminhar os problemas que tiver selecionado como prioritários dentro do seu campo. Introduz-se aí a questão do documento histórico. [...]. Qualquer objeto pode funcionar como documento e mesmo o documento de nascença

pode fornecer informações jamais previstas em sua programação.
(MENESES, 1994, p. 21)

Segundo o autor, não só os objetos deveriam ser questionados, mas também os discursos sobre o passado produzidos pelas instituições museais, uma vez que “a exposição museológica pressupõe [...] uma concepção da sociedade, de cultura, de dinâmica social, de tempo, de espaço, de agentes sociais e assim por diante” (MENESES, 1994, p. 25). Portanto, as exposições, sejam elas permanentes ou temporárias, guardariam um discurso de memória do qual nós, pesquisadores e professores, deveríamos nos apropriar para transformá-los em objetos de análise e investigação. Se não o fizermos, corremos o risco de reproduzir estas memórias ao invés de problematizá-las.

Apropriando-nos da noção de que as peças existentes em um museu também podem ser documentos históricos, o objetivo do material pedagógico desenvolvido foi que, através da discussão de como estes artigos religiosos tornaram-se objetos museais, pudéssemos refletir juntamente com os alunos sobre a questão da formação do patrimônio nacional, em especial no que se relaciona à religiosidade, identificando quais monumentos/objetos foram preservados e com quais intenções, além de observar como eles são expostos atualmente para a população. Esperamos, enfim, que estas discussões e análises que partem do ensino de História diminuam a resistência e o preconceito de alunas e alunos diante de objetos e práticas religiosas que não fazem parte do seu repertório.

Para iniciar a confecção deste material pedagógico, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre a formação e o histórico de aquisição destes museus mencionados, em especial das exposições em que nos focamos. Paralelamente a estas leituras mais específicas, selecionamos um conjunto de artefatos que poderiam fazer parte do material e houve um aprofundamento no estudo sobre o histórico e sentidos destes objetos.

Importa salientar neste ponto o papel fundamental das visitas anteriores com grupos escolares aos museus selecionados. A escolha destes museus e dos objetos que fazem parte do material pedagógico deve muito às visitas anteriores que efetuei com

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

alunos do Ensino Fundamental oriundos de escola pública do município do Rio de Janeiro. Os questionamentos feitos por eles durante as visitas, as suas recusas e seus assombros foram a base que norteou a primeira versão do material pedagógico.

Diante destes questionamentos, selecionamos os museus, as exposições e os objetos que fariam parte do material pedagógico, tentando abarcar todas as representações religiosas apresentadas, e em seguida nos aprofundamos nas histórias que circundavam estes acervos. Para avaliar a composição e a origem dos objetos do Museu Histórico Nacional, que se localiza na região central da cidade do Rio de Janeiro, contamos com o auxílio de Aline Montenegro – historiadora da instituição –, que nos indicou como procurar pelos processos de aquisição dos bens materiais do Museu Histórico Nacional e nos ajudou a compreender os caminhos trilhados pelos objetos. Já no que se relaciona ao Museu Nacional, sediado em São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro, entrevistamos Mariza de Carvalho Soares, professora aposentada pela Universidade Federal Fluminense, que participou ativamente do projeto de reconfiguração da exposição dos objetos africanos e afro-brasileiros que faziam parte do acervo do museu, inaugurando, em 2014, a exposição “Kumbukumbu”. Quanto ao Museu da Maré, reunimo-nos com Marcelo Pinto Vieira, cenógrafo, um dos responsáveis pela aquisição e disposição dos objetos expostos no Museu.

Nossa intenção ao investigar os documentos relacionados a estes objetos selecionados e entrevistar pessoas intimamente ligadas à organização destes acervos – em especial Mariza Soares e Marcelo Vieira – foi explorar as formas de aquisição dos acervos, a sua disposição atual e as intenções advindas destas organizações para, a partir deste conjunto de informações, construir o nosso material pedagógico.

Criada uma primeira versão do material pedagógico, foi a vez de selecionar 10 participantes para o grupo focal que iria analisar o material e visitar as exposições. Segundo Krueger e Casey (2000), um grupo focal é formado por um grupo especial de pessoas em termos de objetivos e composição, cuja finalidade é ouvir e obter informações sobre um problema, serviço ou produto. Neste caso específico, o grupo se reuniu uma vez por semana durante os meses de março e abril de 2016, intercalando a leitura do material pedagógico e a visita aos museus trabalhados na pesquisa. Seu

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

objetivo foi analisar a adequação à linguagem, a pertinência das discussões engendradas e as características das visitas após a leitura e discussão do material. As sessões do grupo, tanto as reuniões sobre o material quanto as visitas aos museus, foram registradas em caderno de campo, para que pudessem ser analisadas posteriormente.

Optei pela formação de um grupo focal constituído pelos alunos da escola municipal do Rio de Janeiro em que atuo porque esta instituição possui um histórico de não silenciar sobre as questões referentes à diversidade religiosa presentes na comunidade escolar².

Se o objetivo inicial da formação deste grupo focal foi verificar a adequação da linguagem do material pedagógico, o conteúdo destas reuniões foi muito além, apresentando diversos questionamentos e experiências ligados à intolerância religiosa, à escravidão, ao racismo, ao papel do negro na sociedade, às questões de gênero e às noções de patrimônio. Apesar da abundância de temas e possibilidades, optamos por destacar neste relato alguns momentos das reuniões do grupo focal, envolvendo o tema da intolerância religiosa no ambiente escolar e fora dele, para demonstrar a necessidade do debate da questão nas salas de aula de todo o Brasil, a fim de evitar silenciamentos e exclusões.

Por já haver trabalhado com eles, no ano anterior, seus conhecimentos prévios em relação a religiões em geral, pude pesquisar suas crenças religiosas e suas noções sobre outras religiões. A primeira aluna, Amanda³, disse ser católica e ter amigos com outras religiões, como as evangélicas. A segunda aluna, Júlia, disse ser evangélica e ter amigos que seguem o espiritismo. A terceira aluna, Vitória, disse ser evangélica e ter amigos católicos e espíritas. A quarta aluna, Catarina, disse ser católica e ter uma amiga cuja religião é a Umbanda. A quinta aluna, Emília, disse ser evangélica e ter amigos que seguem o espiritismo. Entre os garotos, o primeiro aluno, Rodolfo, disse não seguir nenhuma religião, mas conhecer amigos evangélicos. O segundo aluno, Renato, disse seguir a religião cristã e ter amigos evangélicos e espíritas. Kevin disse ser católico e ter

² A maioria dos alunos da escola mora no conjunto habitacional conhecido como Ipase, dentro do qual fica a escola, no bairro de Vila Kosmos, Zona Norte do Rio de Janeiro. Uma outra parte considerável mora no Morro da Fé e uma minoria mora no Morro do Juramento, também próximo.

³ Para preservar a identidade dos alunos, foram utilizados nomes fictícios.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

amigos evangélicos e do Candomblé. O quarto aluno, José, disse ser evangélico e ter amigos que seguem outras religiões, mas não soube dizer quais.

Ainda na primeira reunião do grupo focal, diante da discussão sobre a origem do termo “macumba” por conta da análise da instalação artística construída por Emanuel Araújo, intitulada “Altar de Oxalá” (Museu Histórico Nacional), a aluna Júlia perguntou se eu, quando entrava no mato, pedia licença⁴; eu demorei a entender a pergunta e disse que não costumava ir ao mato, mas que, quando ia à praia, pedia sim, pois foi um costume que minha mãe havia me ensinado. Os outros alunos perguntaram por que eu faria isso, Júlia disse que era porque aquele lugar teria um dono, e as pessoas para entrar teriam que pedir licença a ele. Eu concordei e reafirmei que pedia sim. Mais tarde, em outro encontro ela assumiu que sua avó não permitia a ela que assistisse as giras do terreiro que frequentava, dando a entender que a avó comandava ou tinha forte ligação com um centro de Umbanda ou Candomblé da região.

Foi a primeira vez que um dos alunos manifestou ter conhecimento e contato com as religiões de origem afro-brasileiras, mas ao longo do desenvolvimento das reuniões e visitas, outros alunos falaram mais abertamente sobre a sua proximidade com as ditas religiões, como por exemplo, Kevin, que na terceira reunião, diante da discussão sobre as diferentes representações de Iemanjá⁵, garantiu haver uma imagem deste Orixá no quarto de seu avô. Perguntei se ele não estava confundindo com Nossa Senhora, ele disse que não, que sabia como era a imagem de Nossa Senhora, e que iria tirar foto da imagem quando visitasse o avô.

Na quinta reunião, diante da imagem que retratava um altar presente em terreiros de Umbanda, que se encontra em uma parte reservada do “Tempo da Fé”, no Museu da Maré, Verônica disse que a Umbanda não podia ser tão ruim assim, pois eles também homenageavam Jesus. Catarina respondeu que sim, que Jesus tinha um papel na

⁴ Para adeptos de algumas religiões de matriz africana, entre elas a Umbanda, é costume ao entrar em lugares como cachoeiras, praias, matas e pedreiras “pedir licença” ao Orixá relacionado àquele ambiente.

⁵ No material pedagógico elaborado durante a pesquisa, especificamente no capítulo dedicado ao Museu Nacional, é debatida a representação dos Orixás do Candomblé a partir da análise do conjunto de esculturas intitulado “Os Orixás do Candomblé Nagô da Bahia”, comprados por Heloísa Torres, diretora do Museu Nacional, em fins da década de 1930.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

Umbanda, mas não o mesmo que para os católicos. Ela continuou falando, dizendo que na casa da tia dela havia um altar bem parecido, pois a tia era Mãe de Santo.

Analisando estes relatos podemos perceber que, se antes das reuniões os alunos diziam ter apenas conhecimento de que amigos seguiam o espiritismo, durante a experiência do grupo focal ficou evidente a proximidade de alguns deles e de seus parentes com o Candomblé ou a Umbanda, como foi o caso da tia de Catarina e da avó de Júlia.

Percebemos claramente que Júlia me testava ao perguntar se eu pedia licença. Desejava saber se eu era uma pessoa que seguia a mesma religião de sua avó, e, portanto, digna de confiança. Somente se eu pedisse licença, se eu soubesse do que estava falando, seria possível a ela falar abertamente das relações que estabelecia com a avó em termos religiosos. Somente a discussão em torno das possíveis representações de Iemanjá levou Kevin a falar do avô, assim como, depois de alguns encontros, pôde Catarina falar finalmente sobre sua vivência e seus conhecimentos sobre a Umbanda.

O diálogo entre Catarina e Verônica foi para mim o mais espantoso, pois elas são muito amigas em sala de aula, andam juntas durante o recreio, “se convidaram” juntas para participar do grupo focal e, mesmo assim, Verônica não sabia da ligação da amiga com a Umbanda; este assunto pareceu nunca ter feito parte das conversas entre elas. Verônica é assumidamente evangélica e Catarina se declarou como católica durante o ano anterior, mas possuía um conhecimento sobre a Umbanda, seus símbolos, seus rituais e crenças que nos levam a crer em uma criação e educação claramente ligadas a esta religião.

Este processo, que levou pelo menos três alunos, de um total de nove, a falarem de modo mais aberto sobre a religiosidade de parentes tão próximos, nos faz refletir sobre como as religiões de matriz africanas são silenciadas no espaço escolar e na sociedade, em geral. No exercício em sala de aula, analisando os conhecimentos prévios dos alunos sobre Islamismo em uma pergunta simples sobre quais religiões eles conheciam, citaram genericamente o espiritismo e nenhum tipo de parentesco com pessoas que seguissem religiões de matriz africana; mas em um ambiente mais intimista,

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

em que se sentiram seguros para falar abertamente de seus conhecimentos e vivências, expuseram suas dúvidas e seus conhecimentos prévios e suas práticas religiosas. Enfatizando: somente diante de um projeto que falava abertamente das religiões de matriz africanas, valorizando seus saberes e práticas, diante de um grupo pequeno que valorizava as intervenções e falas, foi possível a estes alunos falar abertamente sobre seus conhecimentos e suas práticas religiosas em família.

Diante desta experiência específica, surge a dúvida: quantos dos nossos alunos não estão silenciados neste momento? Quantos gostariam de falar sobre suas práticas religiosas e crenças, enfim, sobre si, mas têm medo da reação dos colegas, têm medo da reação dos professores? Ou não veem espaço no conteúdo escolar para trazer estes conhecimentos? O quanto não teriam a ganhar os outros alunos, que seguem religiões de origem judaico-cristã ou não seguem religião alguma, se soubessem das práticas religiosas de seus amigos e pudessem com eles tirar dúvidas e diminuir seus preconceitos?

Como já foi dito acima, o objetivo da construção deste grupo focal foi verificar as potencialidades do material pedagógico em construção, dentro do ensino de História, no combate à intolerância religiosa. Porém, a experiência deste grupo, única e irrepetível, como todo grupo focal, permitiu não apenas um diálogo respeitoso e curioso entre os alunos, como permitiu também que eu repensasse a minha prática, ouvindo mais os alunos e seus questionamentos e engajando-me ainda mais durante as aulas nas questões socialmente relevantes que irrompem em nosso tempo.

Aqueles que se interessarem pelo material pedagógico elaborado e por uma análise mais detalhada da experiência do grupo focal, podem acessar a dissertação completa a partir deste *link*: <<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174826>>.

Referências

CHAGAS, Mario de Souza; ABREU, Regina. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 129- 152, 2007.

Relato de Pesquisa em Programa Profissional “A experiência de um grupo focal na elaboração de um material de combate à intolerância religiosa”

Carolina Barcellos Ferreira

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola sem partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: LPP-UERJ, 2017.

KRUEGER, Richard; CASEY, Mary Anne. **Focus group**: a practical guide for applied Research. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. Nova série, v. 2, p. 9-41, 1994.

Recebido em: 06/10/2017

Aprovado em: 18/11/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*

Volume 18 - Número 38 - Ano 2017
revistapercursos@gmail.com